

AValiação DE APRENDIZAGEM: DO EXAME À CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

JOÃO BATISTA VIANEY SILVEIRA MOURA¹

FIC - jbatista2001@hotmail.com

MARCELO MANSUETO LOPES JÚNIOR²

UNIFOR - mmansueto@unifor.br

ANA MARIA FONTENELLE CATRIB³

UNIFOR - catrib@unifor.br

Refletir sobre a avaliação é uma tarefa de extrema complexidade. Ao tomarmos como referência à forma como a avaliação é realizada nas instituições educacionais, percebemos a multiplicidade de formas, conceitos, propósitos e práticas assumidas pela avaliação. Na prática da maioria dos professores e alunos, a avaliação tem sido utilizada de forma arbitrária, não passando de situações que envolvam exames e provas. Para muitos professores ela é considerada um instrumento que representa o controle sobre o que é ensinado e sobre a própria disciplina do aluno. Para uma boa parcela dos alunos, a avaliação, tida aqui como exame, representa o acerto de contas. Partindo destas indicações, podemos iniciar nossa abordagem com os seguintes questionamentos: qual o significado da avaliação de aprendizagem na prática educativa? Temos praticado a avaliação ou o exame? Por que e para que avaliamos? Como construir a avaliação no sentido de torná-la mais viável e construtiva, como afirma Luckesi? Que concepções os alunos tem da avaliação?

Apresentaremos ao longo deste artigo algumas reflexões e indicações que nos permitirão compreender as concepções de avaliação. Não temos a pretensão de desenvolver um receituário sobre uma determinada prática avaliativa, mas ajudar a construir argumentos de uma prática avaliativa que seja educativa e que contemple na abordagem uma perspectiva construtiva e democrática.

O significado da avaliação na prática educativa

Quem em dia de prova já sentiu aquele friozinho na barriga? Quem já foi obrigado a memorizar inúmeras fórmulas, conceitos e infindáveis páginas de livros? Com

certeza, a prática avaliativa escolar deve ter deixado algumas lembranças não muito agradáveis em nossa memória e algumas marcas expressivas em nosso comportamento. Segundo Luckesi (1999), esta prática educativa ganhou proporções tão acentuadas que passou a ser denominada a ser denominada de “pedagogia do exame”. Para o autor, essas atividades, praticadas na escola e pelos docentes, tem reproduzido o autoritarismo e a memorização, contribuindo para que a avaliação passasse a ser sinônimo de adestramento do aluno, por ser utilizada para “moldar” comportamentos, além de se ater estritamente à memória e a capacidade de responder questões mediante treinamento. Nesta perspectiva há uma extrema valorização da capacidade do aluno em reproduzir dados e informações expostos pelo professor. Despreza-se, portanto, a possibilidade de construção da crítica e autonomia do educando pela via do diálogo, além de conceber o processo de aprendizagem como algo que ocorre de fora para dentro do aluno que é mero receptor de informações. O “bom aluno”, assim, é aquele que consegue armazenar e reproduzir nas questões a maior quantidade possível de informações. Pela epistemologia tradicional da avaliação conhecimento para chegar no aluno teria, antes, que passar pelo professor.

Sobre esta perspectiva, vejamos o que diz Jussara Hoffmann (1996):

Percebo, em contato com os professores, que o ‘fenômeno avaliação’ é, hoje, um fenômeno indefinido. Professores e alunos que usam o termo atribuem-lhe diferentes significados, relacionados, principalmente, aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação.

Vemos que a avaliação, não se constitui em um componente que esteja inserido globalmente no contexto do processo educativo. Estando assim estruturada, ela deixa de cumprir sua função didático-pedagógica na construção da crítica, reflexão, autonomia e prática democrática.

Na discussão que ora realizamos, pretendemos focar a reflexão em torno da avaliação diagnóstica e da avaliação como prática democrática. A primeira admite a avaliação enquanto mediação, ou seja, a passagem de uma situação a outra, dentro da realidade apresentada pelo aluno. Esta concepção de avaliação está vinculada ao ponto de partida, que seria uma forma de se posicionar diante de uma situação que nos é apresentada do ponto de vista da aprendizagem. Pela lógica da avaliação diagnóstica ao analisarmos as

perspectiva da avaliação como uma ação mediadora, de fato, é preciso partir da negação da prática atual quanto ao seu caráter de terminalidade, de fragmentação, de obstrução e da mera constatação de erros e acertos.

A Segunda, defendida por Luckesi, entende a prática avaliativa escolar inserida e a serviço de um modelo teórico de sociedade e de educação, portanto, refuta o autoritarismo que impregna a avaliação e a prática escolar. Para o autor:

Estando a atual prática da avaliação educacional escolar a serviço de um entendimento teórico conservador da sociedade e da educação, para propor o rompimento dos seus limites, que é o que procuramos fazer, temos de necessariamente situá-lo num outro contexto pedagógico que entenda e esteja preocupada com a educação como mecanismo de transformação social (LUCKESI,1999 p.28).

Avaliação ou exame?

Luckesi afirma que a prática tradicional é a do exame e não a da avaliação. O exame mede, classifica, está apoiado na nota, na aprovação e reprovação. Desta forma, todos concentram suas atenções na nota: pais, alunos e professores. O que interessa é passar de ano.

Na prática, a pedagogia do exame direciona as atenções na promoção e nas provas e quando o professor percebe que seu trabalho não está tendo a eficácia desejada, surgem as ameaças veladas, tais como: “a prova vem aí!”, ou então, “o que estou falando dá uma boa questão de prova”, “tudo que escrevo e explico cai na prova”, “gosto de fazer prova relâmpago”, poderíamos declinar outras preciosidades, porque, enfim, o repertório é bem amplo.

Para Luckesi (1999),

Essas e outras expressões, de quilate semelhante, são comuns no cotidiano da sala de aula, especialmente na escolaridade básica e média, e mais tarde na universitária. Elas demonstram o quanto o professor utiliza-se das provas como fator negativo de motivação. O estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes, significativos e prazerosos de serem aprendidos, mas sim porque estão ameaçados por uma prova. O medo os levará a estudar.

Do ponto de vista da avaliação diagnóstica, Jussara Hoffmann (1996) argumenta:

O que quero alertar é sobre a finalidade essencial do teste em educação. O seu significado não se resume à sua aplicação, ao seu resultado, mas à utilização como fundamento para nossa ação educativa. É um procedimento investigativo, como ponto de partida para o ‘ir além’ no acompanhamento do processo de construção do conhecimento.

Pergunto então: Como procedem os professores diante dos resultados dos testes e tarefas dos alunos? Atribuem-lhe notas e conceitos e, por sorte, acrescentam algumas recomendações de ‘mais estudo’, ‘mais atenção’, ‘respostas completas’(recomendações generalistas e superficiais). Significa que constatam resultados e os apontam! Como se bastasse apontar ao paciente sua doença sem lhe oferecer tratamento adequado!

Os resultados obtidos nos testes, na maioria das vezes, ficam retidos, ou seja, não assumem a forma de uma verdadeira avaliação, onde professor e aluno assumam posições superadoras. Moreto (2001) afirma que os professores não fazem uso do “procedimento investigativo” para que possa “ir além”, ressignificando o teste a partir de questionamentos como: “Por que meu aluno respondeu desta forma? Por que não respondeu?”.

Tornando a avaliação mediadora e construtiva

Luckesi (1999), afirma que a mediação pode e deve ser utilizada para criar condições para o desenvolvimento do educando. Para ele, a avaliação como prática mediadora e democrática permite pensar as relações na escola não somente pela abrangência da sala de aula, mas, principalmente no contexto da prática social. Assim, a avaliação para ser viável, crítica e construtiva deve considerar:

1. o interesse em que o educando aprenda e se desenvolva, individual e coletivamente;
2. o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas e habilidades psicomotoras, bem como as convicções afetivas, sociais e políticas dos alunos;
3. que os conteúdos socioculturais servem para dar suporte para a aquisição de habilidades e hábitos, garantindo o desenvolvimento do educando.
4. Que além de ativa, intencional e inteligível, a aprendizagem escolar deve ser sistemática;

5. Que enquanto na exposição, o educador desempenha o papel principal, na exercitação o educando é o sujeito central no processo.

Jussara Hoffmann (1996), ao refletir sobre os aspectos significativos que definem a avaliação enquanto mediação, orienta o educador a:

1. Interrogar-se sobre o significado dos erros;
2. Orientar explicações diferenciadas e perceber as diferenças individuais;
3. Conceber a avaliação como movimento: ação e reflexão;
4. Inserir na ação avaliativa, de acompanhamento e reflexão, consistência metodológica;
5. Compreender que o fazer do aluno é uma etapa fundamental na sua construção do conhecimento;
6. Construir uma consciência do seu papel na provocação necessária ao processo de compreensão;
7. Estar cada vez mais alerta e se debruçar compreensivamente sobre todas as manifestações dos alunos;
8. Converter os métodos de correção tradicionais em métodos investigativos e de interpretação;
9. Construir uma epistemologia que privilegie a compreensão e não a memorização.

Significados que os alunos dão a avaliação

Discutir a avaliação na perspectiva mediadora, crítica e democrática, nos remeteu a repensar a prática e compreender que a mediação é uma passagem de uma situação à outra. Se admitirmos este argumento é porque concebemos a avaliação como caminho para a transformação das velhas práticas (HOFFMAN, 1996).

Foram entrevistados 11 alunos universitários, de ambos os sexos, que foram escolhidos de forma aleatória, do quinto ao nono semestre, regularmente matriculados no curso de fisioterapia de uma universidade de Fortaleza. O instrumento para entrevista era constituído por três perguntas norteadoras sendo aplicado com a finalidade de avaliar os sentimentos despertados, a concepção dos alunos sobre o significado que atribuem à avaliação e um símbolo que representaria.

Tentando compreender e interpretar os impactos provocados pela avaliação no comportamento dos alunos, buscamos ouvir as falas dos alunos e através delas captar os sentimentos internalizados. Que se ouçam os alunos:

Pergunta 1 – Quais os sentimentos despertados em você quando se fala em avaliação?

Respostas

- Ansiedade, tensão e às vezes discórdia.
- Ansiedade, tensão e nervosismo.
- Angústia, receio e ansiedade.
- Medo, Angústia e Nervoso – Por mais que o aluno estude, a pressão é tão grande que dá aquele velho “branco”.
- Ansiedade, segurança ou insegurança.
- Curiosidade, preocupação, medo, alegria e alívio.
- Receoso sobre se o que eu estudei será cobrado da forma mais objetiva e simplificada, o quanto possível. Nem sempre mesmo estando preparada se consegue sair bem.
- Como está o nível de entendimento do aluno em relação a disciplina, representa o saber.
- Preocupação.
- Testar os meus conhecimentos. Saber e medir como estou assimilando o conteúdo dado.
- Método do qual o professor tem como resposta do aluno, da sua disciplina aplicada e ter como base o conhecimento do aluno

Quadro 1 – Sentimentos despertados

Pergunta 2 – Na sua concepção, para que serve a avaliação?

Respostas

- Para avaliar conhecimentos teóricos dentro da disciplina apresentada, para identificar pontos importantes e averiguar capacidade de interpretação do aluno.
 - É uma maneira de colocar os alunos para estudarem, pois se não tivesse, eles não
-

estudariam. Mas, eu não acho que sirva para avaliar o conhecimento, pois têm alunos que estudam bastante, ficam sabendo de tudo, mas como na hora aperreados, nervosos, muito tensos que acabam errando coisas que sabem. Coisas que se fossem feitas em casa como um exercício qualquer, talvez acertaria.

- Serve para verificar através de alguns parâmetros dados pelo professor, como o aluno está se desempenhando, o que ele aprendeu através do conteúdo dado pelo professor.
- A avaliação serve para avaliar aquele momento de tensão somente do aluno, pois às vezes o aluno sabe do conteúdo mas está tão tenso que interpreta diferente a pergunta ou até fica em dúvida do que tinha certeza.
- A avaliação tem como objetivo despertar na pessoa avaliada, seus pontos fortes e fracos, para que desta maneira possa trocar melhor seu desempenho frente a disciplina.
- É uma forma de verificar e avaliar como anda o aluno e se ele está conseguindo acompanhar o andamento da cadeira.
- A avaliação é um mero instrumento prático para que se avalie o desempenho do aluno, que na maioria das vezes não demonstra com exatidão a sua capacidade em realizar a tarefa designada.
- Serve para ver o nível que se encontra o aluno.
- A avaliação é importante para avaliar apenas um aspecto do aprendizado tendo como outros métodos de se avaliar tão importante, mas que são esquecidos.
- Para testar os conhecimentos do aluno.
- Forma de controle da universidade em estabelecer uma média para aprovação do aluno

Quadro 2 – Concepção sobre avaliação

- Símbolos

- - Livro, caneta e relógio do tempo.
 - Indivíduo tendo pesadelos - uma caveira.
 - Indivíduo arrepiado.
-

- Um raio sobre a cabeça.
 - Símbolo do branco e preto.
 - Nota X, DEZ, 10.
 - Setas para baixo de forma crescente.
 - Ponto de interrogação.
 - Indivíduo se tremendo como angústia.
 - Universidade – Controle, Angústia – Aluno, Medo – Aluno, Reprovação – Negativo, Aprovação – Positivo.
-

Quadro 3 – Símbolos representativo da avaliação

Análise dos dados

Os quadros expressam com clareza o impacto da avaliação ou das provas aplicadas pelos professores universitários. O medo, a angústia e o sofrimento psíquico implicam, na opinião deles, em insucesso ou fracasso, que por sua vez se expressam nas notas, que muitas vezes não representa o saber ou o conhecimento do aluno. Podemos destacar a palavra de um aluno quando se refere ao seu sentimento: “receoso sobre se o que eu estudei será cobrado da forma mais objetiva e simplificada, o quanto possível. Nem sempre mesmo estando preparada se consegue sair bem”.

A preocupação antecipada sobre a nota que vai tirar na avaliação, parece fazer com que o aluno não se saia bem. Não se está avaliando o conhecimento do aluno, ou o que ele conseguiu com as aulas “dadas” pelo professor, está se impondo ao aluno e exigindo que tire notas boas. Ao argumentar que a “a pressão é tão grande...”, percebe-se que 70% dos alunos expressam o mesmo sentimento. A expressão confirma o autoritarismo da prática avaliativa onde em muitos momentos o sistema escolar valoriza a memorização e reprodução a qualquer custo de todas as informações transmitidas pelos professores. Não seria oportuno pensar a avaliação na perspectiva da aprendizagem? A universidade pensa o processo de avaliação de forma normativa, porém, deve ampliar os espaços de reflexão e discussão sobre a mediação e construção para que possamos de forma crítica e coletiva, repensar a prática educativa.

Conclusões

A avaliação de desempenho ainda é predominantemente tradicional, classificatória e coercitiva (SANT'ANNA, 1995). Ainda há uma grande distância o que se fala e o que se pratica, em se tratando de avaliação. No discurso os professores defendem uma avaliação que seja diagnóstica e democrática, mas na prática ela tem servido como instrumento de repressão e inibição do aluno. O mais grave de tudo isso é que a prática avaliativa autoritária vai assumindo proporções muito mais amplas do que se imagina, ou seja, o aluno se torna mal sucedido na escola e isso gera repercussões sociais agudas, diante da reprodução das relações autoritárias. Portanto a avaliação de aprendizagem quando praticada na perspectiva construtivista transforma-se em instrumento de emancipação dos alunos, que são, por sua vez, sujeitos históricos.

Vimos às representações que a cultura avaliativa tradicional produzem na mente e no sentimento de nossos alunos. Ainda, segundo Luckesi (1999), a escola que opera com a verificação e a pedagogia do exame, tira de seus alunos a oportunidade de crescimento e de construção da cidadania. Para o autor, superar esta lógica, em busca de uma prática avaliativa mediadora e construtiva, significa atribuir qualidade didático-pedagógica do processo ensino-aprendizagem.

As concepções de avaliação, como vimos com Cipriano Luckesi, avaliação democrática e com Jussara Hoffmann, avaliação mediadora, nos servem de referências para o exercício da construção da autonomia dos alunos no cotidiano escolar. Reconstruí um paradigma de avaliação que tenha como foco a promoção humana é nosso compromisso maior. Mas torna-se muito mais que um compromisso. É nosso convite à ação!

Referências bibliográficas

- HOFFMAN, Jussara. *Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Portig Alegre: Mediação, 1996.
- LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 9.ed. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- MORETTO, Vasco Pedro. *Prova: um momento privilegiado de aprendizagem não um acerto de contas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que avaliar? como avaliar?: critérios e instrumentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

